UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTIFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:
https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaInterseccoes/article/view/1335

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:
©2017 by Centro Universitário Padre Anchieta. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo
CEP 13083-970 – Campinas SP
Fone: (19) 3521-6493
http://www.repositorio.unicamp.br

DA (I)MORALIDADE EM RIR DE DEUS: ESTEREÓTIPOS E VIRTUDE DISCURSIVA

Hélio OLIVEIRA[35]

Filipo FIGUEIRA[36]

Resumo: A blasfêmia – neste trabalho entendida, de forma reduzida, como ao ato de rir de Deus – compõe uma das características do que Freud (2006 [1905]) denominou de chistes profanos que, neste artigo, se somam à noção de virtude discursiva (PAVEAU, 2015) para analisar a representação de Deus em uma coletânea de textos humorísticos em que a divindade do cristianismo é central: piadas, tiras cômicas e um vídeo do canal *Porta dos Fundos*. Constatou-se que o ultraje à figura de Deus torna-se um lugar profícuo de constituição e quebra de estereótipos, além de fonte para acontecimentos discursivos envolvendo os limites entre o sagrado e o profano.

Palavras-Chave: Blasfêmia. Virtude discursiva. Humor. Ethos. Estereótipos.

Abstract: *Blasphemy – here reduced to the act of mocking God – composes one of the characteristics of what Freud (2006) named profane wit. Taking French discourse analysis and specifically the notion of discursive virtue (PAVEAU, 2015), this paper analyzes the representation of God in a* collectanea *of humoristic texts: jokes, comic strips, and a video of Porta dos Fundos channel. The conclusion points out the outrage to God's image as an important place for constitution of stereotypes, as well as a source to discursive events involving the limits between the sacred and the profane.*

Keywords: *Blasphemy. Discursive virtue. Humor. Stereotypes.*

[35] Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Pesquisas FEsTA (Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise), sediado no Instituto de Estudos da Linguagem IEL/UNICAMP, Campinas – SP. Bolsista FAPESP, proc.n.2014/00092-5. E-mail: helio.sjbv@gmail.com

[36] Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Pesquisas FEsTA (Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise), sediado no Instituto de Estudos da Linguagem IEL/UNICAMP, Campinas – SP. E-mail: figueirafp1@gmail.com

O humor não é resignado, mas rebelde
(S. Freud)

Introdução

O material analisado neste trabalho pode ser considerado como exemplo do que Freud chamou de "casos fronteiriços aos chistes", ou seja, certas historietas humorísticas que "evidenciam um cinismo profundamente pessimista" (FREUD, 2006, p. 112). Trata-se de um pequeno *corpus* composto por algumas piadas, tiras cômicas, charges, além de um vídeo produzido pelo grupo humorístico Porta dos Fundos. Tendo em vista que o traço comum nesses textos é a figura de Deus, analisa-se como a representação da divindade suprema do cristianismo – e de diversas outras vertentes religiosas – é afetada ao circular pelo campo do humor. A análise também explicita, para justificar, a inclusão desse material na categoria definida por Freud como "chistes cínicos", que abrange a blasfêmia, cujo funcionamento está ligado à noção de virtude discursiva, proposta por Paveau (2015). Para a analista de discurso francesa, a ideia de virtude discursiva implica três principais instâncias: (a) a disposição do agente-falante para produzir enunciados que se ajustem aos valores subjacentes às inter-relações dos agentes; (b) a maneira de dizer o estado das coisas; (c) o modo de integrar-se na memória discursiva na qual se tecem os discursos de uma sociedade, em dado estado de sua história (PAVEAU, 2015, p. 216). Em outras, enunciados virtuosos são aqueles "ajustados" de acordo com o estado atual de uma dada conjuntura sócio-histórica.

A partir desse aparato teórico, o artigo pretende compreender em que medida, levando-se em conta o papel dos discursos no processo de produção de sentidos, a tensão entre blasfêmia e virtude discursiva opera para reforçar ou diluir ainda mais os limites do humor. Por sua vez, seria possível ao humor resolver essa tensão entre o que é venerável e o que é risível?

As representações de Deus: entre o sagrado e o profano

Polêmicas envolvendo a representação de Deus na literatura, artes plásticas e outros campos não são novas. Podemos citar a celeuma em torno do livro *Versos*

Satânicos, do indiano naturalizado inglês Salman Rushdie (1989), que foi obrigado a viver incógnito vários anos após o então líder supremo do Irã, aiatolá Khomeini, ter publicado um *fatwa* (espécie de decreto religioso) pedindo a execução do escritor. Outro exemplo é a onda de protestos realizados em 2012 e que culminou com a morte de mais de cinquenta pessoas e do embaixador dos Estados Unidos na Líbia devido aos filmes *A Inocência dos Muçulmanos*, de Basseley Nakoula, e *O julgamento de Maomé*, de Sam Bacile. Junto com os diretores, mais cinco pessoas diretamente envolvidas na produção dos filmes foram condenadas à morte por um tribunal no Cairo, Egito[37] (vários exemplos como esses são apresentados em Paveau, 2015, p.133). Um derradeiro caso, talvez o de maior repercussão internacional, é o atentado ao *Jornal Charlie Hebdo*, em Paris, onde doze pessoas foram mortas, além de onze feridos, por extremistas da comunidade islâmica, em janeiro de 2015, devido à publicação de desenhos considerados ofensivos a Maomé. Embora alguns dos casos mencionados acima não tratem especificamente da representação de Deus, mas do profeta Maomé, isso equivaleria a fazer humor recorrendo à figura de Jesus Cristo, para o cristianismo.

Diferentemente dos países fundamentalistas, o Brasil garante liberdade religiosa aos cidadãos, o que mantém certa convivência pacífica entre o humor e o sagrado, mas não evita as polêmicas. Dois exemplos pacíficos são a publicação da coletânea tiras cômicas *Deus segundo Laerte* (COUTINHO, 2005), que serão analisadas adiante, e o filme de Cacá Diegues intitulado *Deus é brasileiro*, (DIEGUES, 2003) em que o dito criador é interpretado por Antônio Fagundes. Por outro lado, ganhou destaque o caso em que um pastor da Igreja Universal (vertente neopentecostal) aparece em um programa televisivo chutando a imagem da santa considerada pelo catolicismo a padroeira do Brasil. Também merece uma nota o processo movido pelo pastor e deputado estadual (PSC-SP) Marco Feliciano (que pede 1 milhão de reais) contra o grupo Porta dos Fundos, devido à referência mundana a Jesus, Deus e Maria, em um esquete de natal.

O humor é entendido aqui como um campo discursivo (POSSENTI, 2010b), isto é, um segmento do universo discursivo, no qual formações discursivas distintas e em conflito são regidas por regras e procedimentos relativamente estáveis e que lhes dizem

[37] Os casos citados foram amplamente citado em diversas mídias, um exemplo é a notícia que consta no site jornalístico G1: Disponível em: <https://goo.gl/BqS5kv>. Acesso em: 3 ago. 2017.

respeito dentro desse campo. São exemplos de campos discursivos o jornalismo, a política, a literatura, apresentando, cada um à sua maneira, gêneros discursivos, modos de determinar autores, temáticas possíveis etc., específicos para cada campo. O campo discursivo do humor apresentaria como características singular o propósito de provocar o riso e de tratar dos temas de maneira incongruente, surpreendente - parece ser, portanto, um terreno fértil para tratar de temas controversos. As piadas, por exemplo, "são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial", além de "operarem fortemente com base em estereótipos, fornecendo um bom material para pesquisas sobre 'representações'" (POSSENTI, 1998, p. 26).

No tocante às piadas, a grande maioria delas disponível em *sites* e *blogs*, na verdade não se diz muito sobre a constituição de Deus, sua identidade ou personalidade, mas trata de outra temática e, nesses casos, Deus aparece como um elemento secundário no texto. Considerem-se os dois exemplos a seguir:

(1) Uma conversa entre Deus e Adão.
Adão: Sabe Deus, às vezes acho que nada vai me incomodar aqui no Éden.
Deus: kkkkkkk
Adão: Do que está rindo?
Deus: Ora, Adão, eu sou Deus. Se quiser, crio o pior de seus problemas.
Adão: Duvido!
Deus: Não me provoque...
Adão: Aposto uma costela!

(2) Depois das mortes relativamente próximas de Michael Jackson, Whitney Houston e Amy WhineHouse, alguém reclama com Deus, dizendo: "Por que você sempre leva os melhores?". E Deus responde: "Você queria que eu ficasse aqui no céu ouvindo Michel Teló?".

Em (1), ainda que se vislumbre a onipotência de Deus, que declara "ser Deus" como quem utiliza um sinônimo para poder ilimitado, o tema da piada é a criação da primeira mulher, Eva. Segundo a narrativa bíblica, Eva foi criada a partir de uma das costelas de Adão, e esse osso é justamente o que ele aposta numa conversa aparentemente banal

com seu criador. A piada retoma um velho clichê típico das conversas entre amigos, especialmente homens casados, em que a mulher (a esposa) é retratada como impertinente, controladora, irritante etc. Na piada, a vindoura primeira mulher (e todas as outras mulheres, por extensão) é definida pelo próprio Deus como "o pior dos problemas" de Adão (e de todos os demais homens, em consequência). Tendo em vista esses aspectos, pode-se dizer que o alvo da piada é, portanto, a mulher e o humor funciona explicitando a posição rebaixada que a mulher ocupa na sociedade patriarcal. Deus aparece de maneira periférica, mas, ainda assim, ocupa a posição pouco virtuosa de legitimador – e possível fonte – desse discurso sexista e misógino.

Processo semelhante ocorre em (2), cujo alvo a ser atacado são os cantores sertanejos, enquanto Deus aparece de modo periférico: há certa reverência em se reconhecer a superioridade de Deus frente aos humanos, mas, de maneira secundária, há também algum escárnio na forma como ele "seleciona" quem merece o paraíso. Embora a onipotência divina apareça no fato dele ser capaz de decidir o destino das pessoas na terra (nesse caso, quem vive e quem morre entre os artistas do mundo da música, selecionando os mais talentosos para viverem no paraíso celestial), a ênfase às emoções terrenas é dada na frase final proferida por Deus, ao dizer que se recusa a ficar no céu ouvindo o cantor Michel Teló, ícone contemporâneo da música sertaneja comercial. Não parece haver um critério justo ou virtuoso para decidir quem merece a graça eterna, mas apenas um critério bastante subjetivo e banal, o gosto musical. Acrescentem-se a essa personalidade a hipocrisia e o favoritismo de ignorar (de maneira consciente, pois a Deus nada seria oculto) o fato de receber no paraíso pessoas de vida absolutamente desregrada, segundo a moral cristã, como indicam os vários casos de pedofilia que acompanharam a carreira de Michael Jackson e o notório abuso de drogas por Whitney Houston e Amy WhineHouse.

Reconhecido nos exemplos anteriores, o poder ilimitado de Deus é questionado nesse outro chiste:

(3) Um anjo chega ao céu com cara de preocupado: "Senhor, descobriram a senha para o genoma humano". Deus responde: "Malditos *hackers*, vou ter que mudar a *password*".

Mais uma vez, o tema central não é Deus, mas sim um tema duplo: (a) a grande sabedoria dos homens, representados pelos *hackers* em relação ao avanço das descobertas científicas, que permitiu mapear o genoma humano, apelidado de "A linguagem de Deus" (título de um livro publicado nos EUA, por um dos diretores do projeto genoma, Francis Collins, em 2006); (b) a pouca sabedoria de Deus, uma vez que não foi capaz de prever ou evitar que os homens descobrissem a "fórmula" ou "senha" para a criação dos seres humanos, supostamente contida no código genético.

A sabedoria comum, mundana, atribuída a Deus ressalta um aspecto que aparece com maior nitidez em (3), mas que já estava presente, também, em (1) e (2): a criação de um *ethos* humano para Deus.

Segundo Maingueneau (2008), o *ethos* corresponde a uma instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso e não pode ser concebida como um estatuto, mas como uma "voz", associada a um "corpo enunciante" historicamente especificado. Diferentemente da retórica, que relacionou o *ethos* à oralidade, Maingueneau propõe que qualquer texto escrito tem uma "vocalidade" específica que possibilita relacioná-la a uma caracterização do corpo do enunciador, que pode ser entendido como um fiador, já que é este que atesta o que é dito por meio de seu "tom" (MAINGUENEAU, 2008, p. 64). A figura do fiador torna bem mais vívida e atuante a ideia que se tem do enunciador, pois implica o tom com que esse enunciador fala, a partir de uma cenografia específica. Nesse sentido, o fiador seria a "encarnação" do *ethos*. Explicando a relação entre *ethos* e fiador Maingueneau acrescenta:

> (...) optei por uma concepção mais "encarnada" do *ethos*, que, nessa perspectiva, recobre não somente a dimensão verbal, mas também o conjunto das **determinações físicas e psíquicas associadas ao "fiador"** pelas representações coletivas. Assim, acaba-se por atribuir ao fiador um "caráter" e uma "corporalidade", cujo grau de precisão varia segundo os textos (MAINGUENEAU, p. 65, destacado).

A corporalidade e o caráter ligados ao *ethos* do enunciador voltarão a ser considerados mais adiante, nos próximos exemplos. Por ora, destaca-se apenas o "tom" construído pelos enunciados por meio do léxico que aparece nos três chistes analisados, típico de cenografias cotidianas, pouco ou nada sacralizadas. Em (1), Deus está engajado

em uma conversa bastante coloquial com Adão, chegando, inclusive a supostamente envolver-se numa aposta. Parecem dois velhos amigos conversando tranquilamente. Adão começa o diálogo de forma bem informal, "Sabe, Deus, às vezes acho que...". Essa construção é bem distante da formalidade requerida ao se dirigir a Deus, mesmo no livro de Gênesis. Nos trechos em que são narradas as conversas entre Adão e seu criador, este é tratado por aquele como "Senhor", o que indica respeito e sujeição. No chiste, quando compete a Deus o turno da fala, primeiro lê-se um riso grafado com a repetição da letra "K", depois, em vez de simplesmente discordar ou responder diretamente a pergunta que lhe é dirigida, Deus diz amigavelmente: "Ora, Adão...". Em (2), ele presta contas a alguém que o questiona sobre um tema ordinário, não se trata da paz mundial ou da cura das doenças, mas de algo subjetivo como as preferências musicais dos interlocutores. O fato mesmo dele se dispor a responder a um assunto tão banal colabora para a construção de um *ethos* humanizado, típico de alguém disposto à conversa miúda. No último exemplo, (3), Deus aparece como um moderno usuário de tecnologia, atualizado, ciente inclusive de termos técnicos dessa área: os invasores são chamados de *hackers* e a senha é denominada *password*, termos da língua inglesa que funcionam como jargão da informática. Some-se a isso o fato de que ele é até mesmo capaz de blasfemar, como qualquer ser humano surpreendido por uma má notícia: "Malditos *hackers*!".

Deus: um estereótipo?

Dos chistes até aqui considerados, pode-se dizer que emerge um Deus humanizado, meio hipócrita e com características machistas, mas bem-humorado e consciente dos assuntos terrenos. Não se trata de um Deus beligerante e inacessível, sentado em trono julgando e condenando as pessoas, mas de um homem idoso bem próximo dos seres humanos e de suas agruras. Essa compleição física, à semelhança da figura divina pintada na capela Sistina por Michelângelo, é confirmada em textos multissemióticos como as charges, pois nelas é possível visualizar as características físicas das personagens. Segue a primeira delas.

Figura 1- Charge de Thomas Larson[38]

Na Figura 1, Deus aparece dentro de um carro, ocupando a posição do motorista e reclamando com uma agente de trânsito que, aparentemente, está aplicando uma multa. Ele é identificado pelas vestes brancas, cabelos e barba longos e brancos e uma auréola triangular, encimada por um único olho[39]. Ao contrário dos chistes, a linguagem com que Deus fala é muito formal e até arcaica, com os verbos na segunda pessoa do plural, "vós", bem característico do registro empregado na Bíblia. Ele se dirige à agente de trânsito: "Sabeis com quem falais? ". Em uma das janelas laterais está pregado no vidro um adesivo escrito "guiado pelo Senhor".

A cena retoma um evento de grande circulação nas mídias, quando uma agente de trânsito foi condenada a pagar indenização a um juiz do Rio de Janeiro por tê-lo multado durante uma *blitz*. Embora estivesse dirigindo irregularmente (tanto ele quanto o carro estavam sem documentação apropriada), o juiz disse, segundo a cobertura dada pelas mídias, que ela "não sabia com quem estava falando", em sequência deu voz de prisão à

[38] Charge disponível no blog do autor (<http://thomate.blogspot.com.br/>. Acesso em: 3 ago. 2017)

[39] De acordo com Schiller (1971), a origem da auréola triangular remete à cultura helênica, portanto, pré-cristã. Um halo luminoso aparecia sobre a cabeça dos reis e imperadores nas pinturas e esculturas da época. Posteriormente, passou a ser utilizada em pinturas cristãs. O formato triangular representa a santíssima trindade cultuada como a divindade máxima do cristianismo. O controverso olho no centro do triângulo (que lembra as representações egípcias de Amon-Rá) simboliza a onisciência de Deus, aquele que tudo vê.

agente, alegando desacato, devido a ela ter dito que “ele poderia ser juiz, mas não era Deus”. A charge critica a decisão do Ministério Público, que deu ganho de causa ao processo movido pelo juiz. Na cena retratada, a agente se justifica a Deus, lamentando que este seja “apenas” Deus, e não um juiz. Se magistrado fosse, estaria imune à Lei. Recorrendo à ironia, a charge insinua que juízes desfrutam de mais regalias que Deus. Esse tipo de humor evoca o que Freud chama de chistes cínicos: aqueles que comumente atacam as intuições socialmente valorizadas como a família, o casamento e a Lei. Segundo o autor, “a indignação suscitada por esse [tipo de] chiste é naturalmente dirigida contra a Lei, altamente opressiva mesmo com pessoas piedosas” (2006, p. 111, colchetes nossos).

Outro aspecto a ser ressaltado é que, mais uma vez, Deus aparece como personagem colateral na discussão. O objetivo da charge não é tecer qualquer juízo de valor sobre a concepção de Deus, mas sim criticar a suposta injustiça cometida por parte daqueles que deveriam garanti-la. Para o percurso de análise em voga, destaque-se que a representação de Deus continua a apresentá-lo humanizado (dirigindo um carro irregularmente [do contrário não seria multado]) e destituído dos poderes supremos que lhe são característicos (submetendo-se às leis de trânsito).

Os dois próximos exemplos apresentam cenas em que a natureza de Deus, sua identidade e personalidade são de fato o tema central dos textos.

Figura 2 - Tira cômica publicada em Coutinho (2005, p. 46)

Figura 3 - Tira cômica publicada em Coutinho (2005, p. 9)

Em ambas as tiras, Deus é retratado com a estereotipia física já mencionada, um velho de longas barbas brancas. Na Figura 2, ele fotografa a si mesmo desfrutando de uma de suas principais características, a onipresença, que o torna capaz de estar em mais de um lugar (ou em todos os lugares) ao mesmo tempo. Na Figura 3, ele aparece criando a luz, o mundo e a vida na terra para depois se perguntar: "por que não hei de criar *hamsters*?". Nos dois casos, o humor deriva da ideia de Deus, dotado de poderes infinitos, usar esses poderes para tarefas absolutamente banais como tirar uma foto sua ou alimentar *hamsters*, ações que mais parecem passatempos ou *hobbies* do que propriamente assuntos que merecessem a atenção do "todo-poderoso". Na Figura 3, ainda há um jogo com a polissemia do verbo "criar", que pode referir-se tanto à criação, por parte de Deus, de um animal que não existia antes, quanto à manutenção da vida desse animal, fornecendo alimentos, água e demais cuidados, como se fosse um animal de estimação. Este último sentido parece ser o mais provável na tira.

De qualquer modo, tanto a corporalidade quanto o caráter atribuídos a Deus contribuem para a manutenção de seu *ethos* amistoso e tranquilo. A recorrência do mesmo *ethos* colabora para a manutenção/reprodução da imagem estereotipada. Amossy (2008, p. 125) explica que os estereótipos são representações coletivas cristalizadas ou esquemas culturais preexistentes e compartilhados no mundo social que operam na maneira com que a comunidade avalia e percebe o indivíduo, segundo categorias por ela mesma difundidas. A relação entre *ethos* e estereótipo em textos de humor foi objeto de várias análises de Possenti (2008, 2010a). Para este autor, é produtivo tratar de textos humorísticos considerando os *ethe* que se impõem, uma vez

que o *ethos* tem extrema relevância nos casos em que a piada, assim como outros textos, provoca o riso também pela caracterização, explícita ou não, de tipos e situações risíveis que eventualmente são desprezados na explicação do funcionamento do humor nesses textos (POSSENTI, 2008). O autor ainda acrescenta que piadas e anedotas são uma forma extremamente rica de abordagem da questão da identidade, ainda que esta apareça sempre estereotipada, como são os casos das inúmeras piadas em que a inglesa é fria, o baiano é preguiçoso, o argentino é arrogante, a loira é burra etc. (POSSENTI, 2010a).

Uma constatação adicional da construção e reprodução de um estereótipo de Deus é a apresentada pela própria cartunista Laerte Coutinho, ao declarar que, na época em que foram produzidas as tiras, ela preferiu "representar Deus como um homem, um senhor velho de barbas brancas". E acrescenta:

> Não são todas as religiões que se dão essa liberdade, embora falar em "liberdade" nesse campo seria mais condizente com representá-lo sem barba, como mulher, negro ou coreano. Já que fomos à biologia, que nos submetamos à diversidade. (COUTINHO, 2005, p. 59).

Apesar da ressalva feita, a desenhista compõe sua personagem, conforme visto nas figuras 2 e 3, evocando a representação já estabilizada na memória social e descrita por ele próprio como um velho de longas barbas brancas. Dessa forma, identifica-se a manutenção da virtude, pois não há ofensas sérias que pesem sobre o que é sagrado para os religiosos. Por outro lado, o grupo *Porta dos Fundos* parece ter feito uso dessa suposta liberdade para representar Deus de uma maneira inaudita, subversiva, ensaiada por Coutinho.

Deus em uma produção do grupo Porta dos Fundos

Criado em março de 2012, em parceria com *site* de humor *Kibe Louco*, segundo informações no portal oficial do grupo[40], o *Porta dos Fundos* é um coletivo de humor que, insatisfeito com a falta de liberdade criativa da TV brasileira, decidiu montar um canal

[40] Disponível em: <https://www.portadosfundos.com.br/>. Acesso em: 3 ago. 2017.

de esquetes no YouTube. Em menos de dois anos de existência, o grupo atingiu a significativa marca de um bilhão de visualizações e mais de dez milhões de assinantes, tornando-se o maior fenômeno da internet brasileira e um dos maiores canais do mundo[41].

Declaradamente ateu, o grupo (os próprios integrantes produzem os roteiros, dirigem e encenam os vídeos) se envolveu em diversas polêmicas religiosas. De acordo com a Cohen e Vanini (2014),

> Ao final de 2013, o canal divulgou um vídeo chamado *Especial de Natal*, que acabou gerando uma grande controvérsia com grupos cristãos, sob a afirmação de ter conteúdo baseado no escárnio e na intolerância religiosa. O vídeo mostra que teria havido relações sexuais de Maria com Deus (o que teria levado à sua gestação e ao nascimento de Jesus), mostra tentativas de "negociações" de Jesus com os soldados que o pregaram na cruz etc. O episódio polêmico desencadeou uma rejeição muito forte por parte de grupos católicos e protestantes, que têm feito campanhas constantes contra o Porta dos Fundos. O diretor do grupo afirmou que não houve a intenção de atacar os cristãos, mas apenas divertir seus fãs (COHEN; VANINI, 2014).

O vídeo aqui analisado intitula-se *Deus* (DEUS, 2013) e apresenta o diálogo entre este e uma mulher que acaba de chegar ao céu, após sua morte. O cenário em que o diálogo acontece é inteiramente branco (o que remete à brancura das nuvens e permite inferir que o lugar seja o paraíso almejado pelos cristãos) e ao chegar ali a mulher se depara com um homem jovem, cuja figura se assemelha a um indígena: moreno, de cabelos curtos despenteados, sem barba, o torso nu adornado com colares de peças semelhantes a ouro e bronze, além de braceletes, anéis e pulseiras. Esse homem é Deus.

[41] De acordo com dados da agência Social Blade, que mensura os acessos no YouTube. Disponível em: <https://socialblade.com/youtube/top/country/br/mostsubscribed>. Acesso em: 3 ago. 2017.

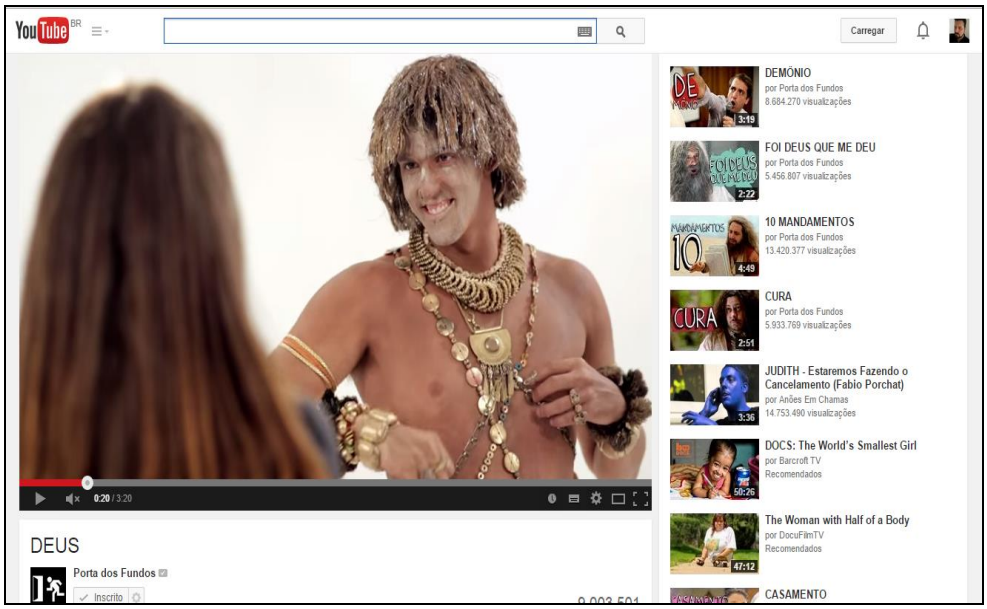

Figura 4 - Cena do vídeo *Deus* (DEUS, 2013).

Somados à dimensão linguística, aspectos não verbais como os trejeitos do ator (Rafael Infante), a fisionomia, a expressão corporal, figurino e maquiagem participam da composição de um *ethos* bem distante dos exemplos anteriores do estereótipo atribuído à divindade. Trata-se de um visual exótico, que leva a mulher a questionar a identidade da figura com a qual se depara. Deus, então, identifica-se como "polinésio" e informa que seu povo são os nativos dessa região do oceano pacífico (a transcrição integral do diálogo está disponível em anexo, no fim do texto). Além do sorriso sarcástico, a ironia com que Deus se refere à religião e às famosas personalidades religiosas pode ser confirmado pelos seguintes enunciados: "Você escolheu o Deus católico... errou... errou feio, errou rude"; "Esse foi o mesmo papo de Ghandi, mas não colou"; "Madre Tereza de Calcutá (...) se debatia, babava... Hahaha"; "Tive essa mesma discussão com João Paulo II e não levou a lugar nenhum". A mulher, ao tentar se justificar dizendo que sempre fez caridades, frequentou as missas, foi fiel ao marido, ouve em resposta apenas um sonoro "Otária!".

Em termos de caráter/personalidade, podemos dizer que emerge desses enunciados o *ethos* de alguém pouco virtuoso, nada preocupado com o conceito usual de "fazer o bem" e que também não leva em conta aqueles que dedicaram suas vidas à prática religiosa, independentemente da vertente a que pertenciam, como os casos

citados de Ghandi, Madre Tereza ou do Papa. Aliás, Deus atribui o mesmo valor (ou desvaloriza de igual maneira) personalidades amadas e odiadas como Einstein e Hitler, respectivamente. Por outro lado, ele confessa "adorar" a apresentadora Hebe Camargo, única pessoa que se pode inferir como vivendo no paraíso. Essa idiossincrasia aumenta quando ele menciona dois conceitos ideologicamente incompatíveis: a reencarnação e a punição eterna. Aqueles que creem no primeiro deles, entendem que os pecados cometidos serão purgados numa próxima vida em corpo carnal, entre os humanos e, portanto, recusam a ideia de que os pecadores são punidos num inferno de fogo eterno.

Outro aspecto da identidade em questão reside nas escolhas lexicais que produzem informalidade no registro empregado por Deus. Expressões como "esse foi o papo de Ghandi", "não colou", "errou feio, errou rude", "você acreditou, cegonha?" e até mesmo expressões em inglês como "what I mean?" produzem um *ethos* jovial, pouco sério e até sarcástico, composição distante do amigável velho de barbas brancas.

Por último, chama a atenção o sadismo de Deus. Ele mente descaradamente com o único intuito de se divertir à custa da humilhação alheia. Fez a mulher pensar que poderia se redimir debatendo-se no chão a seus pés – diga-se, de passagem, que a mesma falseta foi feita com a idosa Madre Tereza de Calcutá.

Retratar Deus como um indígena sádico certamente seria considerado blasfêmia pela comunidade religiosa. A agressividade com que o esquete trata o divino é um dos principais critérios que levam esse exemplo a ser classificado entre os chistes que Freud (2006) denominou cínicos e profanos, e visam a tecer uma crítica social. Depois de dizer que são casos que "atacam dogmas religiosos e mesmo a crença em Deus", Freud apresenta um exemplo que merece ser citado, dadas as semelhanças com o material aqui analisado.

> Diz-se de Heine ter feito um chiste blasfemo em seu leito de morte. Quando um padre amável lembrou-lhe a graça de Deus e deu-lhe esperanças de que Deus perdoaria seus pecados, diz-se que ele replicou: "É claro que ele vai me perdoar, esse é seu trabalho". [...] A força do chiste consiste em seu propósito. O que se pretende dizer nada mais é que: "Naturalmente ele vai me perdoar, é para isso que ele está lá e esta é a única razão pela qual o emprego" (como quem contrata um médico ou um advogado) (FREUD, 2006, p. 112).

De maneira semelhante aos chistes que atacam o casamento enquanto instituição, a Lei, a igreja etc., o esquete do grupo *Porta dos Fundos* funciona como um elemento "desnudador", para usar outro termo de Freud, da instabilidade e infalibilidade das instituições sociais. No mundo construído pelos chistes cínicos, o casamento não é a solução dos problemas emocionais/sexuais, os cônjuges não são fieis, a Lei não é justa e, ao contrário do que diz a Bíblia, Deus não é amor.

Segundo o autor citado, a força motriz desses chistes reside não apenas no "rebaixamento" característico desse tipo de texto, mas principalmente no fato mesmo dessas asserções terem sido feitas. Nesse sentido, o prazer que decorre do humor não deriva somente da técnica, mas, principalmente, da transgressão de dizer abertamente aquilo que é interdito.

Prazer adicional parece ser usufruído também pela mulher, ao pedir para que seja ela quem dará a notícia de que o Deus cristão não existe ao pastor evangélico Silas Malafaia, líder da igreja Assembleia de Deus. Embora não se saiba qual foi a resposta de Deus a esse pedido, o esquete cumpre com seu papel de "chiste cínico" ao criticar a devoção fervorosa que, para alguns, beira a intolerância e o fanatismo religioso, em grande medida, presente em parte das igrejas evangélicas.

Humor e virtude: pode-se rir de Deus?

Conforme já comentado ao longo das análises, a fruição do riso, nas fronteiras do humor e da religião, é fruto de um rebaixamento do sagrado para o profano, isto é, da vulgarização da figura de Deus. Esse prazer, no entanto, não é compartilhado por todos. A literatura sobre o humor, desde a antiguidade, sempre abordou de uma forma ou de outra o estatuto moral do riso. Historiadores como Skinner (2002) e Minois (2004) deixam bastante evidente esse embate ético, entre o que seria o "bom" e o "mau" riso. Em uma perspectiva simétrica, como a que propõe Paveau (2015), a preocupação não é sobre as éticas deontológicas (se a *natureza* do riso é boa ou má; se há a possibilidade do riso bom etc.), mas sim sobre a relação ética que se estabelece em um ambiente

cognitivo distribuído, observável nos metadiscursos sobre discursos potencialmente (a)morais.

A discussão sobre o caráter ontológico da moral do riso mostra a potência do humor, enquanto campo, para produzir acontecimentos discursivos morais, o que se prova pelos inúmeros processos contra humoristas, os atentados violentos, a polêmica sobre o politicamente correto, entre outros fatos. São metadiscursos que incidem não sobre a qualificação ou valoração do humor, mas sobre a moralidade dos discursos que transformam objetos específicos em motivo de riso. Quando este objeto é religioso, a questão torna-se ainda mais sensível, e aqui relembramos o processo movido pelo pastor Marco Feliciano contra o Porta dos Fundos.

Levando-se em conta essa "incompatibilidade" entre o humor e o sagrado, seria possível supor, tal qual a propõe Raskin (1985), que esse funcionamento é fruto apenas de regras incomuns, muitas vezes inacessíveis, de interações linguísticas próprias do humor. Segundo o autor russo (em contrapartida ao que propôs Grice, (1975), para sua comunicação *bona-fide*), na semântica humorística há uma inversão dos propósitos: se, para a comunicação *bona fide*, é necessário que o locutor seja claro e respeite a informatividade, na comunicação humorística (*non-bona-fide*), o locutor deve ser tão breve quanto possível (por necessidades próprias aos chistes) e emitir apenas informação suficiente para construir a piada. Essa inversão, por sua vez, poderia gerar mal-entendidos, caso a comunicação não seja reconhecida como humorística. No entanto, não parece ser o caso do pastor Feliciano. É evidente, em sua denúncia, que ele compreende o vídeo como humorístico: e é precisamente por isso que o denuncia – por seu caráter blasfêmico.

Este é um caso "típico" do que Paveau (2015) descreve como ética discursiva. Há, segundo a autora, uma regulação cognitivo-social daquilo que pode ser dito. E essa regulação, em grande medida, é mobilizada pelos agentes das relações discursivas. Assim, importa menos, como suporia Raskin, a *forma* da piada, e mais o *conteúdo* que ela veicula. Isto é, o sujeito "religioso" se ofende porque o sujeito "humorista" não poderia falar de algo sagrado ou, pelo menos, não deveria. Logo, o discurso do humorista é censurado, pois infringe regras éticas entre estes agentes (supostas por um; ignoradas por outros).

Para a analista do discurso citada, há, entre os agentes discursivos, conjuntamente ao ambiente (o que ela denomina de *perspectiva simétrica*), um sistema moral. A *decência discursiva* é estar de acordo com esse sistema: nele, "circulam valores que também constituem contribuintes, fornecendo aos enunciados justificativa ou, ao contrário, injustificatibilidade" (PAVEAU, 2015, p. 212). Se o discurso em questão estiver de acordo com esses valores, ele será um *discurso virtuoso*, isto é, "discurso ajustado aos valores vigentes na realidade complexa e instável dos agentes e de seus ambientes" (PAVEAU, 2015, p. 214). Conforme a definição apresentada no início deste artigo, a *virtude discursiva* envolve a "disposição do agente-falante para produzir enunciados ajustados aos valores subjacentes às inter-relações dos agentes" (p. 216).

Visto que o discurso humorístico atua no campo do rebaixamento, ele apresenta um problema para a consideração desse sistema de valores, isto é, para a decência discursiva. Freud (1977) traz duas questões que contribuem para essa questão: por um lado, o humor é fruto de um recalque de uma ação proibida, transformada e liberada pelo riso; por outro, para que se ria, é preciso que haja *disposição prévia* entre os interlocutores (elemento destacado também por Raskin [1985]).

Considerando os exemplos humorísticos examinados no início do artigo, parece ser possível que cristãos riam das piadas e das tiras sem se ofenderem, mas a mesma receptividade não parece presente no caso (um *acontecimento discursivo moral*) envolvendo o processo contra o canal Porta dos Fundos. Por outro lado, é perfeitamente possível que religiosos mais tradicionais se ofendam mesmo com a representação "amistosa" de Deus nas tiras. Parece impossível resolver a tensão entre humor e virtude. A disposição dos agentes interlocutores para o riso e o limite de tensão subversiva que o sistema de valores suporta são cruciais para a recepção e produção do riso: nesse caso, a diluição do limite entre humor e blasfêmia.

Considerações finais

Retomando o papel dos estereótipos no funcionamento do humor, a constatação de que eles não são fruto de uma essência ou realidade profunda (algum tipo de verdade

que precisaria vir à tona) podem ser encontradas em diversos trabalhos, por exemplo, as análises de Possenti (2008, 2010a) mencionadas anteriormente. O que nosso trabalho pode acrescentar é, por um lado, a atualidade e o valor heurístico da obra de Freud para compreender certas manifestações da linguagem humana, como é o caso dos chistes (ainda que aqui tomemos esses textos como efeito dos discursos em circulação no espaço social) e, por outro lado, a constatação de que os estereótipos não são universais, embora o humor o seja[42].

Os estereótipos sofrem coerções de um discurso específico, da semântica global desse discurso – de acordo com um conceito desenvolvido por Maingueneau (2008b), mas não aplicado integralmente aqui – e por isso a mesma "personagem" pode ser representada por estereótipos opostos, conflituosos entre si, como é o caso de Deus como um bondoso velhinho de barbas brancas ou como um jovem exótico, sádico e irreverente. Nesse sentido, os estereótipos não são perenes, mas se submetem às condições históricas de produção e circulação dos discursos. Em períodos históricos do passado, por exemplo, ninguém poderia retratar Deus como um indígena de moral duvidosa, ou maldizer figuras como o Papa e Madre Tereza (em algumas culturas, ainda hoje isso não pode ser feito, como os casos citados envolvendo o profeta Maomé). Até mesmo no Brasil, onde circula o imaginário segundo o qual Deus é brasileiro, produziu-se um vídeo em que Deus é, na verdade, polinésio.

Rir do sagrado tem ganhado, aparentemente, cada vez mais espaço nas diferentes mídias. Segundo Philippe Geluck, autor do livro *A Bíblia segundo o Gato*, isso é efeito do décimo primeiro mandamento,

> o menos conhecido e sem dúvida o mais lindo de todos: "Rirás de tudo, pois, já que vamos todos morrer mais cedo ou mais tarde, só o humor permitirá tomar um pouco de distância das vicissitudes da existência" (GELUCK, 2014, s/p).

[42] O humor é universal na medida em que diferentes culturas podem manifestar e compartilhar o mesmo fenômeno linguístico-discursivo: os chistes cínicos/blasfemos. Nestes casos, a divindade sofrerá igualmente os efeitos de um "rebaixamento". O que difere é a manifestação concreta (textual) desse fenômeno discursivo, assim como o alvo específico do chiste. Para citar apenas dois exemplos, no Brasil, no caso analisado neste trabalho, Deus aparece retratado como um indígena polinésio. Na França, uma HQ (história em quadrinhos) foi lançada retratando Deus como um gato (GELUCK, 2014).

Principalmente nos casos em que se toca em temas religiosos, o discurso humorístico funciona mesmo no limiar entre a decência e indecência discursiva: ele não poderia ser completamente decente, senão não haveria riso, mas também não poderia ser indecente, pois se tornaria de algum modo ofensivo – é esse impasse que lhe constitui.

Referências

AMOSSY, R. O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: _____. (Org.) **Imagens de si no Discurso**. São Paulo, SP: Contexto, 2008. Trad. de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti.

COHEN, M.; VANINI, E. Humor sem censura do Porta dos Fundos provoca revolta em cristãos. **O Globo.** Caderno cultura, versão online disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/megazine/humor-sem-censura-do-porta-dos-fundos-provoca-revolta-em-cristaos-11240059>. Acesso em: 3 ago. 2017.

COLLINS, F. **The language of God**. Nova York: Simon and Schuster, 2006.

COUTINHO, L. **Deus segundo Laerte**. São Paulo: Olhos D'Agua, 2005.

DEUS. Rio de Janeiro, Porta dos Fundos, 2013. 3'20". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t11JYaJcpxg&t=2s>. Acesso em: 3 ago. 2017 (transcrição no anexo).

DEUS é brasileiro, Livre. Direção: Cacá Diegues. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2003. 110', dublado, colorido.

FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente.** Rio de Janeiro: Imago, [1905] 2006. Trad. de Jayme Salomão.

_____. O humor. In: _____. **O futuro de uma ilusão... e outros ensaios**, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, [1927] 1974, pp. 189-194. Trad. de Jayme Salomão.

GELUCK, P. **A Bíblia segundo o Gato.** Rio de Janeiro: Nemo, 2014. Trad. de Fernando Scheibe.

GRICE, H. Logic and Conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. **Syntax and Semantics 3:** Speech Acts. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

MUÇULMANOS protestam contra charges do profeta Maomé na Tailândia e no Irã. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 mar. 2008. Mundo, *on-line*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2008/03/381055-muculmanos-protestam-contra-charges-do-profeta-maome-na-tailandia-e-no-ira.html>. Acesso em: 3 ago. 2017.

MAINGUENEAU, D. Problemas de ethos. In: _____. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 55-73. Trad. de Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva.

MINOIS, G. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003. Trad. de Maria Elena Assumpção.

PAVEAU, M. A. **Linguagem e Moral:** uma ética das virtudes discursivas. Campinas: Editora Unicamp, 2015. 389p. Trad. de Ivone Benedetti.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

_____. Ethos e corporalidade em textos de humor. In: MOTTA, A.R.; SALGADO, L.S. (Orgs.) **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Estereótipos e identidade: o caso das piadas. In: _____. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010a.

_____. É um campo: um programa. In: _____. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010b.

RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor.** Dordrecht: D. Reidel, 1984.

SCHILLER, G. **Iconography of Christian Art**, vol. I. London: Lund Humphries, 1971.

SKINNER, Q. **Hobbes e a teoria clássica do riso**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004. Trad: Alessandro Zir.

ANEXO

Transcrição do diálogo no vídeo *Deus*, do Porta dos Fundos

Deus: Tá perdida?
Mulher: Tô, um pouco.
D: Você morreu.
M: O quê?
D: Desencarnou! Veio parar aqui.
M: E você é quem?
D: Deus!
M: Como assim, você é Deus?

D: Sendo assim! Toda civilização acredita em alguma coisa, não é? Alguma tinha que estar certa, correto? E não é que esse tempo todo quem estava certa era uma tribo da Polinésia... E você, como não seguiu à risca nossos dogmas, nossas escrituras linguísticas, você vai arder no infinito!
M: Mas como é que eu ia saber que o Deus polinésio era o correto?
D: Esse foi o mesmo papo de Ghandi, mas não colou. Você escolheu o Deus católico... errou... errou feio, errou rude.
M: Não tem nenhum jeito de eu me redimir?
D: Não encosta em Deus! Olha, de acordo com a doutrina, se você dançar esfregando o peito e a barriga no chão, você se redime.
A mulher se deita no chão e começa a se contorcer.
D:Hahaha. Você acreditou, cegonha? Pode parar. Você acredita que eu fiz isso com Madre Tereza de Calcutá? Ela se debatia, babava... Hahaha.
M: Então quer dizer que eu fui à missa todo domingo, eu não trai meu marido, dei meu dinheiro aos pobres e...
D: Otária!
M: E no céu só tem polinésio?
D: E Hebe Camargo! Adoro!
M: Qual é a crença de vocês polinésios? Lá embaixo ninguém tá sabendo disso...
D: Meu povo em terra é um povo meio... what I means... um pessoal de tribo... mas eu tenho certeza de que daqui a pouco a minha palavra vai chegar a todos os homens.
M: Isso é um absurdo, pois as pessoas lá embaixo têm o direito de saber o que elas têm que fazer...
D: Tive essa mesma discussão com João Paulo II... não levou a lugar nenhum!
M: Então quer dizer que vou para o mesmo lugar que Hitler?
D: Tá pensando negativo... Pensa que você vai para o mesmo lugar que Einstein.
M: Tá bom. Posso fazer um pedido? Quando o Malafaia morrer, posso vir dar a notícia?